



## DESVENDANDO A PAISAGEM ATRAVÉS DA MÚSICA E DA POESIA: uma prática de ensino de Geografia com estudantes de Pedagogia

César Augusto Ferrari Martinez  
cesarfmartinez@yahoo.com.br

Professor da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) e doutorando em Educação pela Pontifícia Universidad Católica de Chile.

Marcos Bohrer  
marcosrbohrer@gmail.com

Professor do Instituto Federal Catarinense (IFC), Campus Videira e doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Igor Armino Rockenbach  
irockenbach@outlook.com

Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

### RESUMO

Esse relato apresenta os resultados de uma oficina de ensino de geografia aos anos iniciais, promovida para estudantes de licenciatura em pedagogia. Preocupados com a importância de melhor explorar recursos culturais na sala-de-aula, utilizamos músicas e poesias de autores brasileiros como suporte para ampliar as possibilidades de leitura e interpretação da paisagem geográfica. Enfatizamos o espaço em sua dimensão vivida, buscando romper com uma perspectiva dicotômica de ensino de geografia que separa o físico do social. A atividade foi realizada em três momentos: no primeiro, fizemos uma leitura e análise do poema Morte e Vida Severina; posteriormente, foi proposto que as alunas se reunissem em grupo e que analisassem uma letra de música para, então, desenhar a paisagem narrada nessa mesma letra; a terceira etapa consistiu na apresentação e discussão dos desenhos em grande grupo. Concluímos que a atividade propiciou muitas potencialidades pedagógicas, como o desenvolvimento de vocabulário, estímulos a uma leitura mais abstrata de espaço, intersecção das histórias de vida dos personagens com as das alunas. No entanto, também foi motivo de preocupação a falta de uma leitura mais complexa do texto e do espaço, sinalizando a importância do uso de recursos culturais e da leitura-interpretação na formação de professores.

### PALAVRAS-CHAVE

Formação de professores, Ensino de Geografia, Anos iniciais, Paisagem.

## UNVEILING THE LANDSCAPE THROUGH MUSIC AND POETRY: a workshop of Geography learning for preservice primary teachers

### ABSTRACT

This report presents the results of a geography learning workshop destined to primary education preservice teachers. Concerned with the importance of better exploring cultural artifacts in the classroom, we used Brazilian songs and poetry as support for reading and interpreting the landscape. We emphasized space for its embodied dimension, seeking to interrupt a dichotomous perspective of geography learning that separates the physical from the social. The activity was carried out in three moments: in the first, a reading and analysis of the poem *Morte e Vida Severina*; following, it was proposed that the students gather in groups and analyze a song lyrics in order to draw the landscape narrated in these lyrics; the third stage consisted on the presentation and discussion of the drawings in a large group. We concluded that this workshop provided many educational potentialities, such as vocabulary development, incitements to a more abstract reading of space, intersection of the characters' life histories with those of the students themselves. However, the lack of a more complex reading of text and space was also of concern, indicating the relevance of using cultural artifacts and reading-interpretation in teacher training.

### KEYWORDS

Teacher training, Geography learning, Primary education, Landscape.

### Introdução

A paisagem é sem dúvida um elemento articulador fundamental para uma visão de espaço mais complexa e, sobretudo, para romper com o sectarismo proposto pelo modelo Natureza-Homem-Economia (NHE) de Ensino de Geografia (MOREIRA, 2010). Nesse sentido, narramos uma atividade de leitura de paisagem realizada com alunas<sup>1</sup> de Licenciatura em Pedagogia de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IES) com o intuito de mapear potencialidades e debates que surgiram no desenvolvimento desta proposta.

Conforme já apontado em Callai (2005) e Lopes (2018), aprender a ler a paisagem é parte do desenvolvimento de uma leitura crítica de espaço desde os anos iniciais e cabe à Geografia promover vivências com o espaço que levem à interpretação de dinâmicas que superem o modelo NHE. Consideramos ser relevante despertar, já na formação inicial de professores – e especificamente no curso de Licenciatura em

---

<sup>1</sup> Adotaremos ao longo do texto a generalização no feminino mesmo havendo um pequeno grupo de três alunos presentes. Consideramos que nosso texto não deve sujeitar a maioria expressiva de estudantes mulheres a um grupo visivelmente minoritário de homens.

Pedagogia –, um modo de atenção para compreender o espaço geográfico de maneira mais complexa. Tal preocupação nos motivou a produzir uma oficina que despertasse nas alunas o interesse pelo tema, mas que também pudesse instrumentalizar o desenvolvimento de atividades pedagógicas a serem produzidas por elas quando professoras. Desta maneira, a prática objetivou ampliar as possibilidades de leitura do espaço através de textos culturais que, muitas vezes, passam despercebidos na rotina escolar.

Consideramos fundamental desvelar o protagonismo da questão social do espaço, buscando não dicotomizar a relação entre sociedade e natureza e propondo, assim, uma compreensão política e histórica do processo de construção da paisagem. Por isso, nos centramos em utilizar textualidades que mostrassem não apenas descritivamente o espaço geográfico, mas que pudessem ser exploradas a partir de como o espaço é vivido por determinados sujeitos ou grupos. Para tanto, utilizamos músicas, poesias e desenhos como recursos, posto que carregam significados culturais construídos socialmente, ou seja, “maneiras de ser e estar no mundo” (AMARAL; RIBEIRO, 2016). Para além disso, percebe-se que esses significados não são imutáveis, uma vez que os sentidos e significados produzidos estão intimamente ligados ao contexto em que são analisados (TONINI, 2000). Fizemos uso desses recursos por considerar que a formação cultural do professor é um catalisador do senso crítico e do uso de bons recursos pedagógicos. Argumentamos que, na medida em que ampliam seu repertório cultural com livros, filmes, artes visuais, músicas, as professoras terão melhor capacidade de relação, de intervenção e de posicionamento crítico.

Priorizamos uma abordagem que desse visibilidade à corporeidade, considerando que o espaço é vivido de diferentes formas segundo os discursos vigentes sobre gênero, raça, sexualidade, origem geográfica, entre outros traços manifestos no corpo. Entendemos que a relação corpo-espaço não se dá através de uma relação causal, motivo pelo qual criticamos o determinismo geográfico. Contudo, também não partimos de uma relação dialética entre corpo e espaço, por entender que os mesmos se produzem em um arranjo e que é justamente a relação entre esses corpos e esses espaços que nos interessa aprofundar. Com isso, buscamos refletir sobre as dicotomias que normatizam a Geografia, como: natureza/sociedade, físico/humano, corpo/espaço etc.

## Metodologia

A oficina teve duração de 3 horas/aula e foi ministrada a alunas do curso de Licenciatura em Pedagogia de uma IES com o objetivo de promover um debate sobre a leitura da paisagem a partir do uso de recursos culturais, visando ampliar as possibilidades de abordagem desse tema nos anos iniciais. A proposta se dividiu em três momentos: (1) uma atividade de sondagem e aprofundamento do conceito de paisagem geográfica; (2) a elaboração de desenhos a partir de transcrições de letras de músicas; (3) a apresentação e discussão coletiva das paisagens desenhadas resultantes da transcrição. Tal oficina foi conduzida pelos autores deste relato e contou com a presença de 17 estudantes matriculadas em diversas etapas do curso.

Na primeira etapa, houve uma breve descrição do propósito da atividade e um chamado à importância da escola como uma instituição promotora da cultura. Sustentados nessa ideia, propusemos a leitura da primeira parte da poesia “Morte e Vida Severina”, de autoria de João Cabral de Melo Neto, e convidando as alunas a uma análise. O objetivo era apropriar-se do texto, ao passo em que fossem literalmente sublinhando no papel os momentos em que o eu lírico – Severino – descrevia o lugar de onde vinha. O trecho abaixo (MELO NETO, p. 74-75, 2010) é um dos fragmentos que utilizamos para o exercício:

E se somos Severinos  
iguais em tudo na vida,  
morremos de morte igual,  
mesma morte Severina:  
que é a morte de que se morre  
de velhice antes dos trinta,  
de emboscada antes dos vinte  
de fome um pouco por dia  
(de fraqueza e de doença  
é que a morte Severina  
ataca em qualquer idade,  
e até gente não nascida).  
Somos muitos Severinos  
iguais em tudo e na sina:  
a de abrandar estas pedras  
suando-se muito em cima,  
a de tentar despertar  
terra sempre mais extinta,  
a de querer arrancar  
alguns roçado da cinza.  
Mas, para que me conheçam  
melhor Vossas Senhorias  
e melhor possam seguir  
a história de minha vida,  
passo a ser o Severino  
que em vossa presença emigra.

Nessa etapa inicial, objetivou-se levantar problemas sobre as noções de paisagem geográfica e instigar olhares mais demorados sobre a análise do recurso. Nesse sentido,

através de pergunta-ação, buscamos construir duas ideias principais: a de que não se pode separar o espaço da forma a qual o sujeito o vive e a de que há um hibridismo entre o personagem do Severino e a própria paisagem em que ele vive. Utilizamos a estratégia de indagar de que maneira podíamos contar a alguém sobre o lugar onde vivia o Severino, quem era e o que fazia, como ele se identificava com outros Severinos e por que ele via motivo em migrar. Para o encerramento dessa etapa, apresentamos um trecho inicial da animação “Morte e Vida Severina”<sup>2</sup>.

Na segunda etapa, dividimos a classe em grupos e apresentamos a letra de uma música diferente para cada um dos grupos. Priorizamos canções que descrevessem alguma paisagem sob certo ponto de vista, buscando certo ecletismo nos estilos. Assim, trabalhamos com as canções “Fotografia 3x4”, de Belchior; “Mestre-sala dos mares”, de João Bosco e Aldir Blanc; “Deixando o Pago”, de Vitor Ramil e João da Cunha Vargas; “Descobridor dos Sete Mares”, de Michel, Gilson Mendonça e Tim Maia; e “Desgarrados”, de Mário Barará. Entendemos que essas músicas enfatizavam o movimento e a diferença entre os espaços sempre a partir de como certos personagens viviam essas realidades espaciais.

A orientação era que elas, em conjunto, lessem a letra da música e representassem graficamente a paisagem narrada pelo personagem da canção. Enfatizamos, aos grupos, que eles não apenas descrevessem os elementos da paisagem, mas que pensassem em quem estava contando essa história. A todos os grupos foram dados os mesmos materiais: folhas A3 em branco, lápis de cores, gizes de cera, canetas hidrocores e régua e estabelecemos como tempo para realização desta tarefa cerca de 30 minutos. Entendemos que essa é uma etapa importante não só para garantir a leitura atenta da textualidade proposta, mas também para dar vazão a diferentes interpretações e construções de signos em relação ao conteúdo da textualidade.

Finalmente, pedimos que as paisagens fossem apresentadas no grande grupo e que as alunas explicassem a escolha pela ilustração de certos elementos. De forma geral, solicitamos que explicassem a letra de suas músicas através dos próprios desenhos e grafias que julgassem importantes. Os grupos apresentaram e os ministrantes realizaram intervenções à medida que viam a necessidade de aprofundar certos entendimentos, quase sempre na forma de perguntas ao grupo que apresentava e às demais presentes.

---

<sup>2</sup> “Morte e Vida Severina” é uma animação baseada na obra homônima de João Cabral de Melo Neto e realizada pela TV Escola em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco no Brasil, em 2009. O vídeo foi acessado em 30 de maio de 2019 através do endereço: <https://api.tvescola.org.br/tve/video/mortevidaseverina>.

## Resultados

Na primeira etapa, préviámos um desconhecimento da obra de João Cabral, uma vez que a realidade formativa do jovem brasileiro muitas vezes contempla processos de aceleração dos estudos, formações fora da idade-escolaridade e titulação por provas de desempenho, como o Exame Nacional do Ensino Médio. Apenas uma das alunas, que já tinha formação superior em outro curso, conhecia previamente o poema. O vocabulário foi um desafio a ser trabalhado na análise, mas ainda assim houve uma compreensão geral pelo grande grupo de que “Morte e Vida Severina” trata-se de um poema crítico à desigualdade presente no sertão pernambucano.

Na medida em que fomos convidando as alunas a descrever oralmente o espaço em que vivia Severino, fomos também pedindo evidências do texto que transparecessem essas iniquidades. Fomos chamando a atenção às questões de solo (“a de tentar despertar terra sempre mais extinta”), à baixa expectativa de vida (“que é a morte que se morre de velhice antes dos trinta”), à mortalidade infantil (“a morte ataca em qualquer idade, até gente não nascida”), entre tantos outros tópicos de interesse geográfico.

Avaliamos que a primeira etapa cumpriu o objetivo de apresentar a metodologia de uso do recurso cultural, embora consideramos superficial a análise que realizamos do texto. Faltou-nos, por exemplo, explorar o vocabulário, historicizar o poema, apresentar recursos (fotografias, mapas, etc.) que munissem melhor as alunas de conteúdo sobre o tópico.

Na segunda etapa, começamos a perceber maior dificuldade interpretativa. Isso se deu pela complexidade de transposição do texto ao desenho, pois havia a necessidade de entender uma metanarrativa maior que a simples descrição dos elementos da paisagem. Chamou-nos a atenção o fato de alguns dos artistas, ainda que reconhecidos nacionalmente, como Belchior e João Bosco, não eram conhecidos pelas estudantes. Alguns grupos conseguiram estabelecer inúmeras relações, entendendo que havia um personagem criado pelos próprios autores das canções que narrava o espaço a partir de uma perspectiva muito situada. Nas canções mais regionalistas do Sul, como “Deixando o Pago” e “Desgarrados”, os grupos rapidamente entenderam a relação de amargura e nostalgia presentes na história dos migrantes que chegavam à cidade, enfrentavam inúmeras dificuldades sociais e eram saudosistas em relação ao rural.

Na música “Descobridor dos Sete Mares”, a leitura foi um pouco mais literal e a construção de um personagem-narrador ficou um pouco mais dificultada. Ainda assim,

as alunas construíram uma excelente relação entre os sete mares do mundo (expressão cunhada na literatura de fantasia e aventura sobre piratas) e as diversas praias do Rio de Janeiro.

Na canção “Fotografia 3x4”, notamos que as alunas acompanharam bem uma narrativa cartográfica da própria letra e representaram pontos de saída (Ceará, o verde de cana, o sertão) e pontos de chegada (cidade grande, São Paulo, Rio de Janeiro). Todas as leituras, contudo, foram bastante concretas e apoiadas em elementos transcritos literalmente das canções à folha de desenho. As estudantes, ainda que incentivadas a tal, não se permitiram a licença poética de apropriar-se das narrativas.

Uma canção, no entanto, chamou-nos muita atenção ao ser apresentada. A música “Mestre-sala dos Mares”, que aborda o tópico da escravidão negra no Brasil, teve uma compreensão bastante complexa por um grupo de alunas. No momento em que apresentavam, as estudantes foram convidadas a explicar o porquê da escolha por certos signos gráficos e qual era a relação desses com a narrativa proposta pela canção que lhes cabia. O grupo que analisou a canção de Aldir Blanc e João Bosco teve inúmeras dificuldades e não conseguiu representar nada mais além de um navio e um porto. Segundo as estudantes, elas também iam desenhar “cascatas”, pois a canção fazia menção a este elemento. Em conjunto, relembramos ao grande grupo que o trecho em questão dizia o seguinte: “rubras cascatas, jorravam das costas dos santos entre cantos e chibatas” (JOÃO BOSCO, 2019, s/ p.).

Com isso, fomos letra a letra esmiuçando a canção, desenvolvendo o vocabulário e situando histórica e geograficamente a narrativa sobre a memória dos percursos negros no porto do Rio de Janeiro. Frisamos com muita veemência a referência que a letra fazia no trecho mencionado à tortura e assassinato de negros escravizados no Brasil colonial. Também aproveitamos o ensejo para comentar sobre a parte que se refere especificamente “às pedras pisadas no cais” (JOÃO BOSCO, 2019 s/ p.), pois entendemos uma das provocações presentes nessa canção chama a atenção para a invisibilidade da história negra na leitura e compreensão do espaço geográfico. Contamos às estudantes sobre a falta de um patrimônio público que reconheça e enalteça a história negra em suas cidades, lembrando que a totalidade dos monumentos, nomes de rua, prédios públicos, homenageia homens brancos que desempenharam posições de poder.

## Algumas reflexões sobre a prática

Nos sentimos na responsabilidade de comentar certas reflexões sobre essa breve prática para que sirvam de ferramenta para melhor pensar a formação de professores de todas as licenciaturas. A primeira delas é reconhecer o estudante de graduação em sua escolaridade cheia de descontínuos. Ou seja, entendemos que a educação superior também deva ser espaço de contínuo aprimoramento da escrita, acesso a cultura, desenvolvimento de pensamento abstrato, entre tantas outras habilidades que são historicamente delegadas à educação básica. Somos sensíveis ao fato de que como formadores de professores, devemos estar atentos às necessidades de nossas alunas e prontos a desenvolver um plano curricular que dê continuidade e profundidade a esses conhecimentos. Também entendemos que o uso de diferentes textualidades é uma das formas de proporcionar cultura nas instituições de ensino.

Vimos com satisfação e potencialidade a execução dessa oficina, pois percebemos nossa contribuição ao engajar as estudantes na leitura crítica de poesia, música e, conseqüentemente, do espaço geográfico. Reforçamos também o compromisso da leitura e escrita como habilidades transversais a todas as disciplinas e de como essas competências leitoras transbordam as disciplinas de linguagem e vêm aparelhar fortemente as ciências sociais e naturais. As narrativas das canções também nos permitiram entrecruzar trajetórias de vida dos personagens com as das próprias alunas, tendo-as como protagonistas de suas próprias análises espaciais. Além disso, compartilhamos momentos de disfrute escutando as canções e até cantando em conjunto algumas delas.

O uso da textualidade também se revelou substancial na oficina. Observamos que a multiplicidade de interpretações sobre as letras trazidas estimulou um debate crítico que contribuiu com o objetivo da atividade: o de ler e reconhecer o espaço geográfico em seus significados dinâmicos. Ao evidenciar trechos, ao procurar o implícito, visamos aguçar a interpretação e a criatividade diante das músicas para expandir tanto a multiplicidade de significados que os escritos continham como para relacionar essa multiplicidade à leitura da paisagem. Buscamos, assim, instigar “a expansão da noção do texto e da textualidade, quer como fonte de significado, quer como aquilo que escapa e adia o significado; o reconhecimento da heterogeneidade e da multiplicidade dos significados” (HALL, 2003, p. 211) e correlacionar a expansão à leitura do espaço geográfico, também uma fonte múltipla e heterogênea de significados.



Algumas preocupações, contudo, pautaram nossa reflexão durante e após a realização da oficina. Conversando entre os nós, os ministrantes, percebemos a necessidade de estimular as análises que não sejam restritas à descrição de elementos concretos da paisagem, como no caso da “cascata” mencionado anteriormente. Compartilhamos que é necessário pensar práticas que favoreçam uma leitura política e complexa do espaço e não apenas a mera listagem de seus elementos, mostrando que as construções das paisagens estão atreladas às subjetividades não reveladas. Acreditamos que isso se relaciona com a capacidade de leitura de um metadiscurso do texto, entendendo não somente a literalidade do que se está apresentando, mas a intencionalidade do autor. Essa é uma formação leitora muito mais avançada, uma vez que não é a simples decodificação do letramento, mas a leitura da relação que essas palavras e frases constroem em sua totalidade.

Com isso, pretendemos promover a crítica à paisagem desencarnada, pois essa é praticada sem entender quem são os sujeitos que a estão vivendo e como esta paisagem se constitui na trajetória histórica desses mesmos sujeitos.

## Referências Bibliográficas

- AMARAL, Caroline Amaral; RIBEIRO, Paula Regina Costa. Literatura juvenil como artefato cultural: uma discussão sobre representações de sujeitos LGBTQI. In: **Anais** do V Congresso Internacional de Estudos Culturais: Gêneros, Direitos Humanos e Ativismos. Aveiro, 2016. p. 357-364. Disponível em <<http://estudosculturais.com/congressos/vcongresso/wp-content/uploads/2016/09/literatura-juvenil-como-artefato-cultural-uma-discuss%C3%A3o-sobre-representa%C3%A7%C3%B5es-de-sujeitos-lgbtqi.pdf>> Acesso em: 15 de Janeiro de 2019.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Cadernos Cedex**, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.
- HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2003, p. 199-218.
- JOÃO BOSCO. **Mestre-sala dos Mares**. Letra de música disponível em: <http://www.joaobosco.com.br/musica/caca-a-raposa-1975/>. Acesso em 10 jun. 2019
- LOPES, Jader Janer Moreira. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- MELO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- TONINI, Ivaine Maria. Cenas étnicas no livro didático de geografia. In: do I Congresso Brasileiro de História da Educação – I CBHE. Rio de Janeiro, 2000. p. 1-10. Disponível em <<http://estudosculturais.com/congressos/vcongresso/wp-content/uploads/2016/09/literatura-juvenil-como-artefato-cultural-uma-discuss%C3%A3o-sobre-representa%C3%A7%C3%B5es-de-sujeitos-lgbtqi.pdf>> Acesso em: 15 de Janeiro de 2019.

Desvendando a paisagem através da música e da poesia...

Recebido em 07 de setembro de 2019.

Aceito para publicação em 06 de dezembro de 2019.